

PERCEPÇÕES SOBRE O BULLYING: ANÁLISES DAS VISÕES DE DOCENTES EM FORMAÇÃO

Cícera Enmilly Marins de Sousa

Thalita Lays Fernandes de Alencar

Maria Elaryce de Araújo Clemente

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções de estudantes de licenciatura acerca do fenômeno do bullying, compreendendo seus níveis de conhecimento e preparo para lidar com situações dessa natureza no ambiente escolar. Fundamentado em uma abordagem teórico-metodológica de natureza mista, de caráter exploratório, o trabalho integrou procedimentos quantitativos e qualitativos, utilizando como instrumento um questionário aplicado a 130 discentes de diferentes cursos de licenciatura de uma universidade pública do interior do Ceará. As análises evidenciaram que, embora a maioria dos participantes afirme conhecer o termo bullying, as concepções apresentadas ainda se revelam limitadas, restringindo-se, em grande parte, às formas verbal e física de violência, com menor reconhecimento das demais manifestações de violência. Os resultados também apontaram que a maioria dos estudantes já vivenciou ou presenciou situações de bullying, o que demonstra a amplitude do fenômeno no cotidiano educacional. As consequências mais mencionadas foram os impactos psicológicos e emocionais sobre as vítimas, incluindo ansiedade, depressão, baixa autoestima e evasão escolar. A partir desses achados, constata-se a necessidade de fortalecimento da formação inicial docente, especialmente no que diz respeito à inserção de discussões sobre violência e convivência escolar nos currículos de licenciatura. Conclui-se que preparar futuros professores para identificar, prevenir e intervir diante de situações de bullying é condição essencial para a construção de uma prática pedagógica comprometida com a promoção de uma cultura de paz e respeito nas escolas.

Palavras chaves: Bullying, Concepções, Universidade, Formação.

1. Introdução

Bullying é o termo utilizado para caracterizar atos de violência repetitiva e intencional, que ocorrem no ambiente escolar, e são praticadas por uma pessoa ou por um grupo. Elas acontecem em um contexto de relacionamento desigual de poder e causam dor e/ou sofrimento às vítimas, podendo gerar consequências físicas e psicológicas (Pimentel *et al.*, 2020). As agressões podem ser de diversas naturezas, incluindo a violência física, verbal, psicológica, moral, sexual, social, material e virtual (Brasil, 2015). Dentre as várias consequências do bullying para as vítimas, podem ser citados o desencadeamento de ansiedade, diminuição da autoestima, problemas de aprendizagem, sintomas ligados a depressão, tendência suicida e abuso de substâncias (Severo, 2009; Bottino *et al.*, 2015).

Considerando a seriedade dessas consequências, é importante que sejam pensados programas de prevenção e orientação sobre o bullying nas escolas, pois é fundamental combater esses prejuízos que podem, inclusive, se perpetuar ao longo de toda a vida, não sendo restritos à idade escolar (Pigozi; Machado, 2015). Nesse sentido, Costa, Souza e Oliveira (2012) ressaltam a importância de compreender a atuação do professor diante dessas situações de bullying. Os autores citam que a condução do professor pode diminuir ou mesmo erradicar o bullying, no entanto, muitas vezes o professor não passa de um espectador de situações de violência em sua sala de aula. Essa falta de ação pode se relacionar ao desconhecimento sobre o tema bullying, o que mostra o risco da falta de informações com relação à gravidade do problema, de seus aspectos principais e, em especial, de como evitá-lo.

Considerando o impacto do bullying no contexto escolar e a exigência crescente de atuação dos professores em relação ao fenômeno, Tessaro e Trevisol (2020) discutem que é importante que a temática do bullying esteja presente na formação inicial e na continuada dos professores, possibilitando que haja o desenvolvimento das competências que são imprescindíveis nos espaços de educação. No contexto de formação inicial de futuros professores, essa discussão adquire especial importância por representar um compromisso ético com a formação docente, sendo fundamental prover formação adequada para que possam identificar e agir em tais situações.

O professor pode ser um aliado forte dentro no processo de superação dos problemas decorrentes da violência dentro da escolar, para que isso aconteça é necessário que professores e alunos dialoguem (Lopes Neto, 2005; Tessaro; Trevisol, 2020). Entre os aspectos considerados essenciais para o enfrentamento desse tipo de violência, destacam-se a formação dos docentes, as ações de conscientização sobre o fenômeno e o suporte individual e/ou coletivo aos estudantes envolvidos (Silva et al., 2017). Estudos também tem destacado a importância de políticas públicas que garantam uma formação de professores que inclua assuntos do cotidiano da realidade escolar, o que inclui bullying (Tessaro; Trevisol, 2020).

As políticas públicas de combate ao bullying têm como finalidade promover ambientes escolares seguros e acolhedores, pautados no respeito e na inclusão. A Lei nº 13.185 (Brasil, 2015) representa um marco nesse processo, ao instituir ações preventivas e educativas que envolvem escola, família e comunidade, fortalecendo uma cultura de paz e convivência saudável. O relatório da UNESCO de 2019 intitulado “Por trás dos números: acabando com a violência e o bullying nas escolas” aponta que a formação não só de professores como de outros profissionais é um pilar essencial na prevenção e combate da violência escolar e do bullying,

pois somente por meio de uma preparação adequada será possível construir ambientes educacionais seguros, inclusivos e acolhedores para todos os estudantes.

Para que haja essa valorização do tema no campo da formação docente, é importante, antes de tudo, reconhecer que a escola é um espaço de construção de subjetividades, de convivência e de aprendizagem que ultrapassa o conteúdo formal. Nesse cenário, o fenômeno do bullying desponta como uma das manifestações mais silenciosas e dolorosas de violência cotidiana, afetando a integridade emocional, social e até mesmo acadêmica dos sujeitos envolvidos em especial, das crianças e adolescentes em processo de formação (Silva; Rosa, 2013).

O espaço da universidade deve ser, por excelência, um lugar onde os futuros docentes desenvolvam não apenas conhecimentos técnicos e pedagógicos, mas também uma consciência sensível às complexidades humanas que permeiam o cotidiano escolar. Inserir o debate sobre bullying nos currículos de formação inicial é oportunizar aos acadêmicos o exercício da escuta, da empatia, da mediação, e o desenvolvimento de ferramentas diversas que posteriormente poderão ser utilizadas no contexto escolar para prevenção e intervenção nos casos de bullying.

Um professor tem que ser bem preparado dentro de sua formação para lidar com situações de bullying que podem, eventualmente, acontecer, assim como conhecer o contexto e as diversas manifestações dessa violência, pois só assim conseguirá perceber e identificar as situações que demandem sua atuação de forma de preventiva e combativa. No entanto, muitas vezes tanto a família como os agentes escolares não têm se atentado para a gravidade do problema (Fante, 2012).

Contudo, não se pode cobrar do professor uma atuação em sua prática na escola, sem ele estar devidamente preparado e munido dos conhecimentos necessários. Por isso, é fundamental pensar sobre como os currículos de formação de professores tem incluído a temática bullying e contribuído com a obtenção desse preparo. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar o nível de conhecimento de estudantes de licenciatura em relação a esta temática, bem como os fundamentos teóricos que desenvolveram até o momento para embasar suas práticas. A relevância dessa pesquisa se fundamenta na compreensão de que é preciso ter conhecimentos sobre o assunto para poder contribuir de maneira mais eficaz na prevenção e no combate ao bullying. Considera-se que a obtenção de conhecimentos sobre as concepções e práticas de futuros professores em relação ao bullying é uma importante ferramenta para planejar e promover avanços neste campo, partindo da verdadeira demanda dos futuros professores.

2. Metodologia da Pesquisa

2.1. Tipo de Pesquisa

Este estudo é oriundo de um projeto de pesquisa intitulado “Concepções e estratégias de futuros professores no enfrentamento ao bullying”, que recebeu financiamento de iniciação científica pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Trata-se de uma pesquisa exploratória, com a natureza qualitativa e quantitativa. Severino (2016) informa que a pesquisa exploratória tem o como objetivo realizar um levantamento de dados sobre um determinado objeto de estudo, caracterizando-o e auxiliando no desenvolvimento de uma compreensão inicial sobre o tema, o que se relaciona com o objetivo deste estudo.

O instrumento de pesquisa foi constituído por questões objetivas e subjetivas e as análises serão realizadas de forma quantitativa e qualitativa. Enquanto a pesquisa quantitativa utiliza dados numéricos e técnicas estatísticas para descrever e explicar fenômenos, possibilitando uma visão geral que auxilia na compreensão dos padrões, a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos a partir da interpretação de significados e percepções dos participantes, possibilitando um conhecimento mais profundo e subjetivo (Gil, 2006; Severino, 2016). Minayo (1994) aponta que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 1994, p. 21, 22)

2.2. Participantes

Participaram do estudo 130 alunos de cursos de licenciatura de uma universidade pública do interior do Ceará, na região metropolitana do Cariri. O estudo contou a participação de discentes dos cursos de licenciatura em pedagogia ($n = 70$), geografia ($n = 16$), letras ($n = 13$), ciências biológicas ($n = 10$), educação física, ($n = 9$), ciências sociais ($n = 5$), história ($n = 4$), química ($n = 3$). As idades dos participantes variaram entre 18 e 48 anos, com média de idade 22 anos ($DP = 5,85$). A maioria dos respondentes foram mulheres (66,9%).

2.3. Instrumentos

Foi elaborado um questionário com 12 questões objetivas e subjetivas. Neste texto serão discutidas especificamente as concepções sobre bullying dos estudantes de licenciaturas, refletindo sobre seu preparo para atuar em relação a essa questão. Cinco questões versavam

sobre esse tema, foram elas: 1) Você sabe o que é bullying? 2) Quais destes tipos de Bullying você tem conhecimento ou já ouviu falar? 3) Você já vivenciou ou presenciou alguma situação que caracterizaria como bullying ao longo da sua história (na escola ou na universidade)? E as questões abertas foram: 4) Descreva com suas palavras o seu entendimento sobre o que é Bullying; 5) Na sua opinião, quais são as consequências da prática Bullying nas instituições educacionais.

2.4. Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário elaborado *no Google Forms*, contendo perguntas abertas e fechadas de acordo com os objetivos da pesquisa. Antes, as pesquisadoras passaram nas salas de aula convidando os estudantes de todos os cursos de licenciatura para participar da pesquisa, destacando que a participação era voluntária e sigilosa, esclarecendo as dúvidas sobre a pesquisa e sobre o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

2.5 Procedimentos de análise de dados

Os dados quantitativos das questões fechadas foram expressos em números e porcentagens, facilitando a identificação de padrões e tendências. Já os dados obtidos com as perguntas abertas foram analisados qualitativamente, por meio de análise temática (Dias; Mishima, 2023) destacam que a Análise Temática é uma técnica vantajosa para quem realiza pesquisas qualitativas, principalmente para aqueles que estão no início da trajetória científica. Essa análise possibilita compreender opiniões, percepções e experiências dos participantes, identificando padrões e significados.

2.6. Procedimentos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Cariri, conforme parecer nº 6.600.537, atendendo aos princípios éticos estabelecidos pela resolução nº 466/12 e pela resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Todos os participantes receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) antes de ter acesso ao formulário com as perguntas.

3. Resultados e Discussão

Os participantes foram questionados a respeito do seu conhecimento sobre o que é bullying, e também solicitados a descrever com suas palavras seu entendimento. Os resultados mostraram que o termo bullying é conhecido pelos discentes de licenciaturas, pois a maioria respondeu saber o que é bullying (86,2%) e 13,8% responderam que sabiam “mais ou menos”, sendo válido ressaltar que nenhum estudante indicou que não saber o que é bullying.

No entanto, quando solicitados a descrever seu entendimento, houve uma predominância de respostas que focavam na violência verbal e física usando termos como chacota, desrespeito, exclusão e as brincadeiras sem graça. Alguns destacaram, ainda, preconceitos relacionados a religião, orientação sexual e características físicas como cabelo, cor de pele e peso. Apenas 19 participantes incluíram a violência psicológica na sua concepção sobre bullying. Alguns exemplos de respostas são apresentados a seguir:

Bullying é uma palavra que resume o ato de menosprezar alguém verbalmente ou fisicamente, mediante algumas características ou ação da vítima que não agradou o agressor. É uma prática que ocorre principalmente para estabelecer uma hierarquia, onde quem manda detém o poder sobre quem não pode ou consegue se defender sozinho. (participante 2)

É fazer chacota, piada, comentários maldosos a respeito de outras pessoas xingamentos relacionados ao corpo, aparência, roupas, classe social, cabelos, etc. (participante 9)

Entendo por bullying um comportamento agressivo de uma pessoa para com outra, utilizando palavras que ofendem sejam elas relacionadas a aparência, ou ao jeito de ser da pessoa etc. (participante 26)

Bullying é uma violência que pode ser gerada por um ou grupo de agressores de forma verbal, física ou psicológica contra determinado indivíduo. (participante 84)

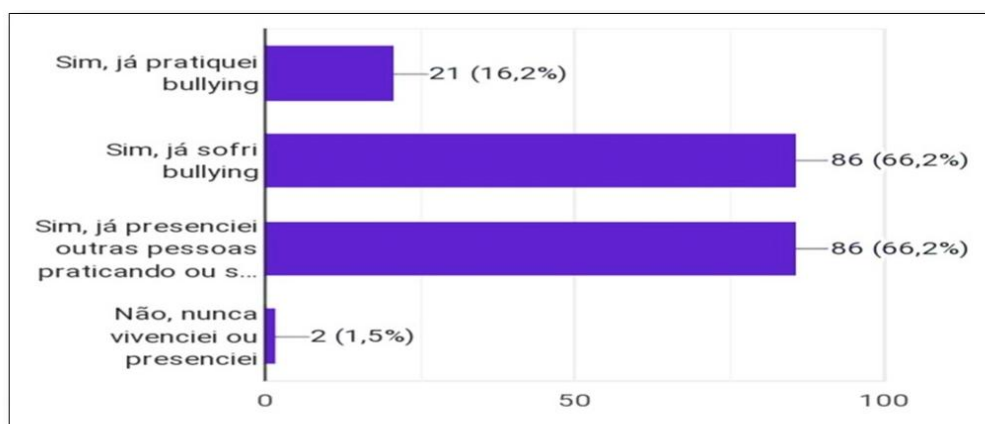
Na questão seguinte foram apresentados os diversos tipos de violência do bullying como alternativas, para que os participantes indicassem quais eram conhecidos. As respostas se distribuíram da seguinte forma: 92,3% afirmaram conhecer o bullying verbal, 84,6% o físico, 80,8% o psicológico, 73,1% o virtual, 52,3% o social, 48,5% o moral, 51,5% o sexual e 28,5% o material.

Observa-se, assim que embora seja válido destacar que nenhum dos participantes afirmou não conhecer o termo bullying, os resultados tornam evidente que tal conhecimento ainda se mostra limitado, focando apenas em características específicas de violências, que não dão conta de todas as manifestações possíveis. As concepções apresentadas foram limitadas com relação ao conhecimento sobre os diversos tipos de bullying, sendo mais conhecidos o bullying verbal e o físico, com crescente queda de percentuais em relação aos demais. Isso demonstra que o conhecimento dos discentes dos cursos de licenciatura sobre o assunto ainda

é insuficiente, o que sinaliza um problema prático, pois não haverá atuação dos professores frente às violências se elas não forem reconhecidas. Os dados indicam que existem tipos de bullying que serão menos reconhecidos pelos professores e, portanto, receberão menor atenção, podendo passar despercebidos no futuro. Segundo Silva et al. (2013, apud Silva; Freller; Alves; Saito, 2017), muitos professores demonstram um conhecimento limitado sobre o fenômeno do bullying, o que os leva a confundi-lo com simples brincadeiras entre alunos ou com agressões ocasionais, evidenciando a falta de compreensão sobre suas diferentes formas e características. Essa limitação do conhecimento docente também é apontada por autores como Fante (2012) e Pimentel et al. (2020), que ressaltam que alguns tipos de violência são mais facilmente identificados como bullying, enquanto outras manifestações – sobretudo as de caráter psicológico ou indireto, tendem a ser ignoradas ou minimizadas nas práticas escolares.

Os participantes também foram questionados quanto a suas experiências relacionadas ao bullying. A distribuição das respostas pode ser observada no Gráfico 1. A maioria dos participantes afirmou já ter sofrido bullying (66,2%) e presenciado outras pessoas sendo vítimas ou praticando esse tipo de violência (66,2%), o que demonstra a ampla presença desse fenômeno no cotidiano. Além disso, 16,2% admitiram já ter praticado bullying, evidenciando que o problema não se restringe apenas às vítimas, mas envolve também a atuação ativa de parte dos estudantes. Apenas dois participantes declararam nunca ter vivenciado ou presenciado tais situações. Esses resultados corroboram estudos que destacam o alto índice de prevalência dessas práticas nas escolas (Pimentel et al., 2020), e reforçam a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e intervenção dentro das instituições de ensino.

Gráfico 1 – Frequência de respostas sobre experiências com bullying



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Os participantes também foram questionados quanto aos seus conhecimentos a respeito das consequências do Bullying. Nas respostas, foram destacados os impactos psicológicos das práticas de bullying, que podem afetar negativamente a saúde mental dos envolvidos e até levar ao suicídio. Entre as consequências negativas, foram destacados aspectos como depressão, ansiedade, diminuição da autoestima e isolamento social. Também foram destacados como consequências fatores que prejudicam a aprendizagem, associando o bullying à diminuição do rendimento escolar e da motivação para frequentar a escolar, podendo ser, inclusive, uma possível causa de evasão. A seguir são apresentados exemplos de respostas:

Acredito que a pessoa que sofre bullying, tende a se isolar, perde o interesse em ir pra escola e isso pode ocasionar evasão escolar. Além disso, essa pessoa vai carregar traumas psicológicos para o resto de sua vida. (participante 34)

Impede o desenvolvimento do discente (vítima), de forma saudável no ambiente, uma vez que a vítima se retrai o dentro do ambiente e tende a se isolar do convívio com outras pessoas. (participante 64)

O desenvolvimento de aprendizagem do discente fica muito prejudicado, além do que, pode trazer traumas psicológico para o aluno, depressão, ansiedade, piora do rendimento escolar, desmotivação para o estudo entre outros fatores. (participante 85)

As respostas dos futuros professores estão de acordo com o que vem sendo discutido na literatura, que aponta que o bullying se associa com o aumento do nível de ansiedade e depressão, podendo levar a pensamentos suicidas (Neves, 2021; Pimentel et al., 2020). É interessante ressaltar que os participantes também reconheceram como possíveis consequências o impacto do bullying na vida educacional da vítima, com prejuízos para a sua permanência na escola e para o aprendizado. Esses são argumentos que reforçam a defesa de que esse assunto não pode ser tratado com negligência nas escolas e deveria, portanto, ser trabalhado com a devida importância desde a formação inicial dos professores (Tessaro; Trevisol, 2020).

Percebe-se, portanto, que os estudantes de licenciatura reconhecem a importância do tema e compreendem a gravidade de suas consequências, no entanto seus conhecimentos sobre o assunto ainda são limitados. Partindo das concepções apresentadas é possível observar a necessidade de avanços na formação a respeito do tema, contribuindo com uma preparação que possibilite aos futuros professores estarem aptos a identificar, prevenir e atuar em futuras situações que possam ocorrer no espaço escolar. Os profissionais precisam dispor de conhecimentos, pois sem dispor de informações apropriadas, dificilmente as intervenções propostas serão adequadas e eficazes (Da Silva; Bazom, 2017). Cabe à universidade responder a esta demanda dos alunos, que reconhecem suas dificuldades. Os dados obtidos com esta

pesquisa são sinalizadores importantes de aspectos que podem ser melhorados e de como universidades podem propor avanços partindo da real necessidade de seus alunos.

4. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo investigar e refletir acerca da formação inicial de professores e sua relação com o preparo para enfrentar situações de violência no ambiente escolar. Sob essa perspectiva, considera-se que os objetivos propostos foram satisfatoriamente alcançados, uma vez que a pesquisa contribuiu para o avanço do conhecimento acadêmico e para o fortalecimento do papel formador da universidade, ao produzir dados relevantes que podem subsidiar a reformulação de currículos, práticas pedagógicas e políticas educacionais voltadas ao aprimoramento da formação docente.

Os resultados obtidos revelam a importância de incorporar, nos cursos de licenciatura, discussões sistemáticas e aprofundadas sobre a violência escolar, com destaque para o fenômeno do bullying, promovendo espaços de reflexão crítica e a construção de saberes teórico-práticos que capacitem os futuros professores a intervir com segurança e sensibilidade diante dessas situações. Nesse sentido, a pesquisa reforça a necessidade de que as instituições formadoras assumam sua responsabilidade social e acadêmica no desenvolvimento de competências profissionais que ultrapassem o domínio do conteúdo disciplinar, abrangendo também aspectos éticos, emocionais e relacionais indispensáveis ao enfrentamento das diversas formas de violência no contexto escolar.

A alta incidência de episódios de bullying nas instituições de ensino evidencia o papel estratégico do professor como mediador do processo educativo e agente transformador do ambiente escolar. Sua presença cotidiana junto aos estudantes o coloca em posição privilegiada para identificar comportamentos de risco, promover o diálogo e implementar ações interventivas que contribuam para a construção de um espaço educacional respeitoso e inclusivo. Assim, a formação inicial de qualidade revela-se um instrumento fundamental não apenas para o desenvolvimento profissional dos docentes, mas também para a consolidação de uma educação comprometida com os direitos humanos e com uma cultura de paz.

Compreender e analisar dados como os apresentados neste estudo auxilia no entendimento do perfil dos futuros professores, o que possibilita identificar lacunas formativas e propor estratégias educacionais que respondam às demandas contemporâneas da escola. Considerando a relevância e o impacto social dessa temática, investir na formação inicial docente sob a ótica da prevenção e do enfrentamento da violência escolar constitui um passo essencial e um compromisso que deve ser assumido.

6. Referências

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 nov. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113185.htm Acesso em: 14 out. 2025.

BOTTINO, S. M. B.; BOTTINO, C. M. C.; REGINA, C. G.; CORREIA, A. V. L.; RIBEIRO, W. S. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 3, p. 463-475, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00036114>.

COSTA, M. A. P.; SOUZA, M. A.; OLIVEIRA, V. M. Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p. 653-665, 2012.

DA SILVA, J. L.; BAZON, M. R. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017.

DIAS, Ernandes Gonçalves; MISHIMA, Silvana Martins. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. **Revista Sustinere**, v. 11, n. 1, p. 402-411, 2023.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2. ed. Campinas: Venus Editora, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LOPES NETO, A. A. (2005). **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

NEVES, R. C. **Adolescentes que sofreram bullying: avaliação do impacto psíquico com métodos projetivos** (Escola de Paris). 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). **PISA 2018 assessment and analytical framework.** Paris: OCDE, 2019.

PIGOZI, P. M.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>.

PIMENTEL, F. O.; DELLA MÉA, C. P.; DAPIEVE PATIAS, N. Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 230-240, 2020.

SEVERO, C. L. L. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, Canoas, v. 2, n. 2, p. 73-80, 2009.



SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24ª edição rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Pedro Fernando da; FRELLER, Cintia Copit; ALVES, Lucas Stefano de Lima; SAITO, Gabriel Katsumi. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. **Psicologia USP, São Paulo**, v. 28, n. 1, p. 44-56, 2017. DOI: 10.1590/0103-656420150129.

SILVA, Jorge Luiz. et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 2329-40, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015>

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200015>

TESSARO, M.; TREVISOL, M. T. C. Formação de professores e o manejo de situações de bullying na escola: o que as pesquisas têm indicado?. **Revista Práxis**, v. 3, p. 44-67, 2020.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Paris: UNESCO, 2019.